

vidade, ao fazer a exegese da situação e da substância dessas duas figuras culminantes, o crítico já terá vivido o exercício da psicologia analítica, sua sondagem será bem diferente das que os homens de ontem poderiam emprestar, e no estudo de ambos os autores talvez o mago Proust revele muita consciência na construção de seus labirintos e o lógico Valéry, toda a magia inconsciente de sua arquitetura impecável.

0360132-48

1. Reinaldo Mouro
2. As Massas
3. Correio do Povo
4. Crônicas sobre os feijões da massificação
5. Porto Alegre (cap. da cultura)
6. 12 de agosto de 1948
7. n.º 265
8. Secas - Arte e Literatura
9. Som
10. Amélia Roster **FEITO**
11. 14 de março de 1994

AS MASSAS

(especial para o Correio do Povo)

Reinaldo Mouro



// Naturalmente ninguém vai exigir que a gente afirme ter lido o economista Werner Sombart. Isso até mesmo seria demais e ninguém acreditaria. Mas todo mundo leu, pelo menos em fases já passadas de leituras, esse espanhol às vezes saboroso que se chama Ortega y Gasset. Todo mundo conhece La rebelion de las massas porque o livro envia o leitor com uma ilusão de cultura em varias perspectivas de profundos horizontes.

Suponho entretanto que é fácil esquecer uma das coisas mais interessantes colhidas pelo ensaísta na sua excursão sociológica pelas paragens da realidade imediato e do espirito que esta polq. É aquele trecho citado de Werner Sombart, o economista. Aquele onde se diz mais ou menos isto: des. do século VI, em que começa a história europeia, até 1800 - portanto em toda a extensão de doze seculos - a Europa não consegue chegar senão a 180 milhões de habitantes. Pois sem, de 1.800



a 1914, em pouco mais de um se-  
 culo, a população europeia ascende  
 de 180 a 400 milhões! Ortega y  
 Gasset comenta, com a sua habi-  
 tual lucidez, em certos períodos  
 de uma literatura concisa e  
 brilhante, esse fato de trans-  
 cendência indistinguível. Essa  
 dilatação sem proporções no  
 tempo, de uma pasta huma-  
 na, da matéria da humani-  
 dade num subitito gigantis-  
 mo. As conclusões que daí sur-  
 gem são do nosso conhecimento  
 vivo e sofrido, é o estilo  
 de vida novo, inesperado, que  
 sentimos na Europa já naque-  
 le tempo, a ponto de se afir-  
 mar hoje que o princípio do  
 século não foi em verdade  
 no seu dia primeiro de ja-  
 neiro de mil e novecentos. Foi  
 em novecentos e dezoito, equi-  
 dadas as diferenças existentes  
 com a guerra, desfeitas as ilu-  
 sões tão caras ao velho tempo  
 ingenuo da inocência gene-  
 ralizada do mundo que já per-  
 ventava.

O século teve início com  
 o fim da primeira guerra.



Contas já havia gente demais  
no mundo, embora o mundo  
em vastas regiões de sua su-  
perfície continuasse despova-  
do.

Mas era o fenômeno das  
Babilônias, a palpitância das  
metrópoles, a torrencialidade, o estilo  
urbano da vida jogada à  
maquina, que subia no tem-  
po fatalmente exato de sua  
consumação.

Nós não podemos ter de  
nós mesmos, da humidade  
de uma visão separada de  
nossa própria condição hu-  
mana, enquanto permane-  
mos incorporados à massa. Mas  
suponhamos um ser de condi-  
ções diferentes, existindo noutro  
espaço e podendo assistir  
em conjunto todos os nossos  
movimentos e sentimentos que  
os fenômenos das multidões  
apareceram diferentes nas  
suas retinas sob um ângulo  
através do qual será possí-  
vel uma nova compreensão  
das coisas.

Quando caminharmos  
pela rua somos levados pelo



onda, fazemos parte dessa onda incessante de elementos humanos dissolvidos na totalidade do ser monstruoso que é a multidão. Mas a pupila do outro observador privilegiado, contemplando esses movimentos como os entomologistas estudam a vida das abelhas ou das formigas, terá de nós uma visão naturalista que talvez explique o mecanismo dos acontecimentos sociais cuja etiologia nos escapa em nossa visão particular e prisioneira, ela mesma, das massas que determinam os fenômenos.

Podemos imaginar uma super-estrutura espiritual das multidões, o trabalho secreto de seu inconsciente, a invisível nuvem geradora das tormentas. Com essa visão interior as multidões envoltas num clamor de oceano perçoitam ondas imensas, escumas monstruosas, elevando-se e arrojando, hostis, entre os blocos cinzentos das sabilonias modernas.

O material humano é



hoje tão compacto, a acas das massas se faz sentir com uma tão firme presença, que se refletimos um momento verificaremos ser necessário qualquer coisa, qualquer força, qualquer expediente ainda não posto fora de uso, para evitar que elas, as massas, acabem nos governando. Para evitar que a tendência das maiorias que é a cristalização da mediocridade, tome conta do mundo. Para evitar que aqui se repita o fenómeno dos Estados Unidos, onde Babite governa os movimentos da vida pela sua espantosa força quantitativa, criando hábitos, estabelecendo normas, apagando da face do mundo qualquer centelha de originalidade individual.

- 1- Reinaldo Haurq
- 2- Poesia para sempre
- 3- Conto do povo
- 4- Crônicas sobre a poesia
- 5- Porto Alegre
- 6- 26 de agosto de 1948
- 7- n.º 277